

Aborim

ABORIM, orago São Martinho, era uma vigararia anexa ao convento de Carvoeiro.

Aborim, segundo o P.^o António Gomes Pereira, no seu livro *Tradições Populares*, páginas 319, vem de *Abovini*, genitivo do nome gótico Abovinus.

Em alguns documentos e livros antigos, esta freguesia é conhecida pelo nome de *Vorim*, *Avorím*, *Amorym*, etc. Nas Inquirições de 1220 vem com a designação — «De Sancto Martino de Vorim» na Terra de Aguiar de Ripa de Lima.

Nelas se diz que esta Igreja é de Carvoeiro e de Palme e tem sesmarias; que Carvoeiro tem 7 casais; a Igreja de Cossourado 4 casais; Palme 1 casal e Hospital (1) meio casal. Que o rei tem aqui reguengos e que dão de monte Celoiro de foro «viiiij quartarios, et debent persolvere v modios pró morabitino».

«Et homines de Portela qui fuerint talliare in isto monte debent dare singulos frangaos».

E os homens que moram fora do couto dão pela Páscoa 2 ovos e um frango ao Mordomo e vão ao castelo.

(¹) Os *Hospitalários*, ordem militar mais tarde conhecida por *Cavaleiros de Rodes e Cavaleiros de Malta*.

E os homens que moram fora do couto vão à introviscada.

Nas Inquirições de 1258, 1.^a alçada, se diz: Item, *in parochia Sancti Martini d'Avorim* que *ha y el rey* seu regaengo. Fala-se nelas no lugar das Chãos, Redondo, Agarem, Socarreiro, Morouco, Zameiro, Ascariz, Trás outeiro, Cizeral, Longara, Varzeela, Monte Celeiro, etc.

Há inúmeras pessoas que criaram filhos d'algo «et estes davanditos amos escusam-se de voz e caomia et de anuduva» (').

Que os homens que moram fora do couto dão vida (²) ao Mordomo de el-rei em cada mês cada um deles por si da qual vida houver e vão ao castelo, anuduva e en-troviscada.

Introviscada, entruviscada, entroviscada ou troviscada, diz Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, no seu «Elucidário», tomo I, páginas 283, que era um dos direitos dominicais mui frequente nos princípios da nossa monarquia.

Por ele era obrigado o enfiteuta, colono ou vassalo, não só a concorrer para se aprontar o trovisco que se havia de lançar no rio, sendo este o modo mais comum das pescarias daquele tempo, mas também devia concorrer para a merenda do senhorio e sua comitiva, quando fosse seu gosto ocupar-se, uma vez no ano, neste proveitoso divertimento.

(1) *Anuduva, adua, etc., era a contribuição de trabalho ou em dinheiro para a construção ou reparação de torres, muros, castelos, fossos e outras obras militares para a defesa da terra.*

(2) *Vida, o mesmo que sustento, comida, refeição. Pagava-se o direito de vida ao rei, aos senhorios das terras, aos seus mordomos ou feitores. Esta vida, ainda que ordinariamente se dava em cousas de comer, algumas vezes se dava em dinheiro.*

Sucedia, ainda que o senhorio não fosse à *entrovis-cada*, nem esta se fizesse, que sempre o dito foro ou direito se pagasse, mesmo depois de condenado aquele pernicioso modo de pescar.

Este foro ia desde as numerosas galinhas constantes do foral que em 1513 el-rei D. Manuel deu à terra de S. Fins de Paiva, no qual vai numerando os povos, segundo os casais que traziam, até àquele bem insignificante do foral de uma aldeia do concelho de Vila Pouca de Aguiar, junto ao rio Tâmega, o qual era muito antigo e se determinava < que quando o Rico Homem for no rio fazer tro-viscada, que eles lhe dêem huma merenda de porretas com vinagre, sem mais outro foro».

Estes, como o leitor vê, pagavam os aperitivos; as grandes comezainas que o Rico Homem não dispensava receber eram pagas pêlos outros seus vassalos.

Nas Inquirições, tanto de 1220 como nas de 1258, se encontra a cada passo imposto este direito dominical, principalmente em casais juntos a rios piscosos.

Existiu nesta freguesia a Honra de Aborim e mais tarde o Morgado do mesmo nome, que ambos andaram na família de Barbosas.

É esta família uma das mais ilustres pela sua nobreza e prosápias fidalgas.

Os de Barbosa vão na sua ascendência até Flávio Egica ou Flávio Witiza ou Teodofredo, não sabemos bem, rei de Espanha no domínio dos godos, e, por aí abaixo em uma descendência não decrescente em fidalguia, vem até D. Sancho Nunes de Barbosa, o primeiro que tomou este apelido.

Era ele filho do conde D. Nuno de Cela Nova e fez a quinta de Barbosa, junto a Paços de Sousa (hoje Penafiel), a qual ficou sendo um dos solares desta família.

Casou duas vezes: a primeira com D. Teresa Afonso, filha de D. Afonso Henriques, e a segunda com D. Teresa Mendes, filha de D. Mem Moniz de Riba Douro, senhora da casa honrada de Barbosa.

Pedro Fernandes de Barbosa, senhor da Honra e solar de Barbosa, serviu D. Afonso IV, esteve na batalha do Salado e tais feitos aí praticou que o rei fez-lhe mercê de dez maravedis e deu-lhe um foro sobre todos os filhos dos Judeus das Judiarias de Barcelos, Viana, Ponte do Lima e Braga, ainda que dizem já tinha antes esse tributo.

Quanto aos direitos sobre os Judeus da Judiaria de Barcelos, o abade do Louro, na c Memória Histórica >, escreveu que foram concedidos por D. João II aos Morgados de Aborim, casa dos Barbosas, quando nela foi hospedado.

Dando como certo que este rei andasse por esta freguesia e fosse hospede do Senhor da Honra de Aborim, parece-nos mais provável que, em lugar de *conceder*, *confirmasse* os privilégios dos senhores de Aborim sobre a Judiaria de Barcelos.

Pagavam os Judeus de Barcelos, segundo aquele abade do Louro, um marco de prata por cada filho que nascesse; eram obrigados a hospedar o Morgado quando vinha à vila e a alcatifar a rua e a formar nela três arcos quando ele nela passasse.

Honrosos e nada deprimentes para quem os recebia eram estes direitos senhoriais dos Senhores de Aborim sobre a Judiaria de Barcelos e de outras terras em Portugal.

O marco de prata por cada Judeuzinho que nascesse em Barcelos faz lembrar a gorda galinha que todo o bom católico dá ao seu abade ou os emolumentos que todo o cidadão dá ao Conservador do Registo Civil por ocasião do nascimento de cada filho, e a rua da judiaria, hoje transformada em rua Infante D. Henrique, alcatifada, com

arcos de verdura, as suas duas cancelas abertas para dar passagem ao Senhor de Aborim a cavalo, acompanhado de ilustres damas em carros de bois ou outros meios de transporte então usados, dá uma vaga ideia, salvo o devido respeito, de uma procissão de corpus christi dos tempos da nossa mocidade!

Honrosos e nada deprimentes, repetimos, eram estes direitos senhoriais dos de Aborim sobre a judiaria de Barcelos e nada parecido aos privilégios que certo fidalgo de Lisboa tinha sobre as casas suspeitas daquela cidade!

Mas voltemos onde estávamos, séculos atrás, ao nosso Pedro Fernandes de Barbosa, que foi senhor da Honra de Aborim, pelo seu casamento com D. Chamoá Martins de Aborim, filha herdeira de Martim Rodrigues de Aborim, senhor daquela dita Honra.

Martim Rodrigues de Aborim fora Senhor da Honra de Aborim por a ter herdado também de seus pais e avós; era neto de Lourenço Fernandes de Aborim, senhor daquela Honra, e este filho de Silvestre de Encourados, de quem fala o conde D. Pedro.

Álvaro de Barbosa, descendente daquele Pedro Fernandes de Barbosa, nas partilhas que fez com seus irmãos, tocou-lhe o couto de Bandara, as casas da Barca do Lago e o tributo das judiarias de Barcelos, Braga, Ponte do Lima e Viana, o qual, suposto se extinguisse no tempo de D. Manuel com a expulsão dos judeus de Portugal em sua satisfação o rei lhe deu em troca certa quantia em cruzados.

Ora, como com aquelas partilhas ficasse muito atenuado o esplendor da sua casa, Álvaro de Barbosa vinculou em Morgado todos os bens com que ficou e os que herdou de sua mulher.

O vínculo de Aborim foi instituído, segundo dizem, em 25 de Agosto de 1478.

A casa acastelada de Aborim com seus telhados cercados de ameias, ainda que caminhando para a ruína, é um lindo solar de província.

Em um pequeno largo, ao lado direito do seu velho portão em arco, está a capela do Paço, antiga, de arquitectura simples e modesta.

Dentro, tem um altar em talha renascença, vendo-se no camarim a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, ladeada por as de outros santos.

Entre a casa e o portal estende-se um largo terreiro onde a torre do paço, destacando-se do corpo do edifício, parece que nos vem receber.

É esta baixa, de dois andares, com seus telhados ameados, subindo encostada a ela uma larga escadaria que dá acesso a um terraço, lajeado, que a cinge pelo lado do norte e dá comunicação para a outra parte do edifício.

Fecha esse páteo ao cimo da escadaria uma porta com o brasão dos seus antigos senhores.

Ao fundo do terreiro, em frente ao portão, levanta-se propriamente o paço com suas janelas, algumas geminadas, portas em arco e telhados guarnecidos de ameias; um encanto todo este conjunto.

Do lado do poente, no muro que fecha o terreiro, abre-se um tanque em que a água cai pelas narinas de um cavalo gravado em pedra.

Fica este solar no alto de uma trincheira, junto à Linha Férrea do Minho e Douro, que lhe cortou parte das traseiras e separou-o do resto da quinta. Pertence hoje esta casa e capela à Ex.^{ma} Senhora D. Joaquina da Costa Fezas Vital, moradora em Caminha.

A Igreja Paroquial, fica ao fundo de uma avenida que desde o Cruzeiro vai até ao adro.

É um edifício baixo, acachapado, com predomínio de estilo barroco.

Ao lado direito da fachada ergue-se um pequeno torreão para dois sinos.

Os telhados do templo foram há poucos anos, em 1931, reformados, sendo substituída a bela telha romana pela inestética telha francesa.

Deste mesmo lado direito estão a sacristia e a casa de arrecadação, abrindo-se entre as duas a porta travessa.

Em frente a esta porta foi construído um pequeno átrio coberto, tendo no pavimento a data 1931.

Dentro a capela-mor é forrada a madeira pintada, o pavimento em pedra e o altar e tribuna em talha antiga.

O corpo da Igreja é forrado também a madeira pintada, com vários quadros onde estão representados a Fé, a Esperança e a Caridade, e no centro a imagem do padroeiro São Martinho.

Os seus dois altares laterais são em talha moderna, o púlpito tem a data 1862, o pavimento é ainda em ta-burnos, o baptistério moderno e o coro com balaustrada antiga.

No pavimento, à entrada da porta principal, vê-se a repetida, data 1931 das últimas e grandes reformas nesta Igreja.

Ao lado direito do templo e separado deste pelo adro está a *Residência Paroquial*, edifício modesto e sem pretensão a grandes comodidades.

No alto da avenida ergue-se o velho *Cruzeiro Paroquial*, que é bem interessante.

Na sua base foi aberta uma extensa inscrição que não pudemos ler por estar caiada de fresco e no cimo de uma coluna oitavada firma-se a cruz de pedra com a imagem de Cristo crucificado.

Ao lado direito desse cruzeiro está o *Cemitério Paroquial*, cujo portão ostenta a data 1886.

Além da Capela do Paço, a que já nos referimos, tem esta freguesia mais as seguintes:

A Capela da Senhora da Lapa, no lugar da Gandra, a qual foi mudada do sítio onde esteve para próximo à Estrada de Barcelos a Ponte do Lima há uns vinte anos pouco mais ou menos e nessa ocasião ampliada. É pública.

A Capela das Santas, dedicada às onze mil virgens, junto à casa de Celeiro, a qual pertence hoje ao Ex.¹⁰ Snr. Dr. Fernando Salazar.

Esta freguesia está situada na encosta nascente dos altos montes que de Carapeços se estendem por Quin-tiães e Santa Lucrécia de Aguiar, no vale do Neiva.

É servida pela estrada de Barcelos a Ponte do Lima que lhe passa no seu extremo nascente e por dois ramais: um que vai à casa de Celeiro e outro à casa do Snr. Dr. Félix Machado, da freguesia de Quintiães.

Para chegar, porém, ao centro da freguesia, à sua Igreja Paroquial e ao Paço só por caminhos velhos e escabrosos.

Atravessa-a a Linha Férrea do Minho e Douro, galgada em dois pontos por seus pontões de boa cantaria, e está ainda dentro dos limites desta freguesia a Estação do Tamel, pela qual se serve a vila de Ponte do Lima. O túnel do Tamel, o mais extenso desta Unha, com 980 metros de comprimento, está também em parte nesta freguesia.

Situada na bacia orográfica do Neiva, é banhada esta freguesia por um pequeno regato que nasce nos montes de Carapeços e vai desaguar naquele rio. As suas fontes públicas são: a do Outeiro, a de Vide, a de Gaião e a da Caganita.

Confronta pelo norte com a freguesia de Quintiães, pelo nascente com a de Cossourado, pelo sul com a de São Fins do Tamel e pelo poente com a de Carapeços e a dita de Quintiães.

A sua população no século xvi era de 33 moradores ('); no século xvii era de 70 vizinhos; no século xviii era de 60 fogos; no século xix era de 453 habitantes e actualmente é de 470 habitantes, sendo 206 varões e 264 fêmeas, sabendo ler 59 homens e 18 mulheres, havendo pois 393 analfabetos.

Esta população está distribuída pêlos seguintes lugares habitados: Gandra, Mourisca, Portela, Agrela, Portelinha, Pereira, Cubas, Celeiro, Áspera, Fonte, Picoto, Pegões, Outeiro, Vinha, Paço, Loba, Vivos, Calvário, Gova, Frião e Doimenta.

As casas mais importantes são: a do Paço de Aborim (solar dos Barbosas), a de Celeiro, a de Portelinha e a da Quinta.

Não há nesta freguesia Escola Oficial, mas em compensação existem cinco lojas ou *vendas*!

Tem Caixa do Correio.

Quando nos referimos ao Cruzeiro Paroquial dissemos que na sua base existe uma inscrição que não pudemos ler por estar caiada de fresco.

Chamaram depois disso a nossa atenção para a leitura de — Barcelos, Resenha Histórica, etc., do Snr. J. de Mancelos Sampaio, precioso livro publicado em 1927, onde a págs. 32 vem uma fotografia do Snr. A. Souca-saux deste cruzeiro com a transcrição da tal inscrição.

(1) *No Censo da População de 1527 vem — Em a freguesia de Sam Martinho d'Amorym 33 moradores — lullguado d'Aguyar.*

A legenda é a seguinte: ESTA OBRA FOY FEITA POR DEVOÇÃO NO ANNO DA PESTE DE MIL QUINHENTOS E SESSENTA E SETE.

A este padrão dão nome de Cruzeiro de S. Sebastião.

Corre na tradição que a Casa de Aborim tinha o direito de asilo; criminoso que se agarrasse a uma cadeia de ferro, que ainda há poucos anos existia na ombreira do portal de entrada daquela casa, livrava-se de ser perseguido pelas justiças daqueles tempos.